

MARTÍN DORME OU O RITORNELO-ATOR

Renato Ferracini¹ (LUME/UNICAMP)

Resumo:

O Conceito de ritornelo pode ser uma potente ferramenta conceitual para repensarmos o território da atuação e suas linhas de desterritorialização e reterritorialização. Dessa forma, a técnica, a preparação, o ensaio e mesmo a apresentação podem ser matérias de expressão que atualizam a ação cênica como presença-acontecimento. O artigo explana, em um primeiro momento, o conceito de ritornelo para depois pensá-lo como problematizador para a atualização de corpo-em-arte. Esse duplo ritornelo/corpo-em-arte poderia balizar a construção de uma dramaturgia do acontecimento.

Palavras-chave: Ritornelo; Território; Corpo.

Abstract:

The concept of the "ritornelo" can be a powerful conceptual tool to rethink the role of territory and their lines deterritorialization and reterritorialization. Thus, the technique, training, rehearsal and even the performance can be material expression that update the scenic action as presence-event. The Article explains, at first, the concept of the ritornelo to then think of it as problematical for the body-in-art. This double ritornello / body-in-art could mark out the construction of a dramaturgy of the event.

Keywords: Ritornelo; Territory; Body.

Renato Ferracini
Martín Reis Ferracini

Ao cair da noite, quase todo dia quando não estava em viagem a trabalho, existia o “ritual do sono”. Meu filho, o pequeno Martín, quando tinha apenas 8 meses, buscava quase que desesperadamente entrar em sono profundo por meio de pequenas ações, seja tocando meu rosto, seja virando seu corpinho de um lado para outro, seja apertando (as vezes dolorosamente!) meus lábios e meu nariz ou ainda dando tapinhas em minha careca (para quem não me

¹ Ator-Pesquisador do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais – LUME – UNICAMP, Professor e Orientador no Programa de Pós Graduação em Artes da Cena – IA – UNICAMP, Coordenador de Projeto Temático – FAPESP, Bolsista de Produtividade CNPq.

conhece pessoalmente, raspo meu cabelo já a 20 anos e Martín faz de minha cabeça, por vezes, seu jembê particular!); outras vezes esse campo de pequenas ações e gestos se traduziam por toques delicados nos dedos das minhas mãos e no meu peito. Enquanto isso, buscava fazer com que o ambiente ao seu redor canalizasse essa “vontade” de sono: luz tênue, uma canção de ninar que eu principiava cantarolando suavemente com letra e depois passava a “boca chiusa”; o travesseiro estrategicamente colocado no meio da cama e a chupeta usada para amenizar o impulso do sugar tão característico dos futuros homens no início de sua jornada. Então principiava a luta: esses “dispositivos” corpóreos e ambientais formavam um campo de pequenas práticas que buscavam efetuar o sono-Martín. Mas o estado de vigília parecia, por vezes, se impor e Martín chorava porque queria dormir e não conseguia. Até que, enfim, depois de tempo longo ou curto ele adormecia para sonhar e despertar com seu sorriso maroto e energia fresca (que parece ser gerada por uma usina enorme e infinita!) para poder criar mais ritmos dodecafônicos em seu jembê-pai particular. E ao cair da noite, durante o processo desse “ritual do sono”, junto com Martín, sempre me remetia ao conceito de ritornelo de Deleuze e Guattari.

Esse complexo conceito tem três momentos (ou pontos de errância ou ação):

1 – Um primeiro que podemos chamar de ponto de orientação, ou ação direcional, pois permite um ponto de referência um “esboço de um centro estável e calmo, estabilizador e calmante no centro do caos” (DELEUZE E GUATTARI, 1997, p. 116). É assim que a criança com medo do escuro tranquiliza-se com uma canção. A canção, nesse caso, torna-se o ponto de referência que permite suportar o caos-pavor da impotência frente ao desconhecido-escuro. Essa cançãozinha pode ser chamada de cartaz ou placa: uma matéria de expressão. São essas qualidades expressivas ou matérias de expressão (placas ou cartazes) que “entram em relações móveis umas com as outras, os quais vão ‘exprimir’ a relação do território que elas traçam com o meio interior dos impulsos e com o meio exterior das circunstâncias” (DELEUZE E GUATTARI, 1997, p. 124).

2 – É justamente no campo de forças criado por essas relações móveis que o outro momento do ritornelo é delineado: a invenção de uma dimensão – uma ação dimensional – a partir desse ponto direcional pois foi “preciso traçar um círculo em torno do centro frágil e incerto, organizar um espaço limitado” (DELEUZE E GUATTARI, 1997 p. 116). Há aqui, portanto, a geração e um **território**. É por isso que a marca qualitativa (cartaz, placa, matéria de expressão em relações móveis interior-exterior) é sempre primeira em relação ao plano territorial traçado. É sempre uma “expressividade que faz território” (DELEUZE E GUATTARI, 1997, p. 122). Há nessa territorialização toda uma ação de seleção, eliminação, extração para que as forças desse plano traçado

resistam e não sucumbam novamente ao caos e para isso são muito importantes, segundo os autores, os componentes (placas, cartazes, matérias de expressão) vocais, sonoros, ópticas, visuais e poderíamos, certamente, acrescentar a essa lista as ações físicas.

3 – No terceiro momento esse território abre-se para forças cósmicas. Não uma abertura para a entrada do caos que buscávamos expulsar, mas a fissura para “outra região, criada pelo próprio círculo. Como se o próprio círculo tendesse a abrir-se para um futuro, em função das forças em obra que ele abriga. E dessa vez é para ir ao encontro de forças do futuro, forças cósmicas, lançamo-nos, arriscamos uma improvisação. Mas improvisar é ir ao encontro do mundo, ou confundir-se com ele. Saímos de casa no fio de uma cançãozinha” (DELEUZE E GUATTARI, 1997, p. 117). Abertura do território como linha de fuga para, com e por meio do próprio território gerado, improvisar outros modos de existência, outros planos de possíveis, linhas de fissuras que liberem as forças de vida estratificadas de uma plano de organização duro, molar, mesmo que essa molaridade seja traduzida por liquidez e falsos fluxos capturados de desejo.

Na obra “O que é Filosofia?” os autores Deleuze e Guattari, ao pensarem o ritornelo enquanto ser de sensação ou monumento artístico, nomeiam esses três planos de outra forma. Em um primeiro momento a carne enquanto placa e cartaz; mas a carne não suporta o ser de sensação, mesmo se ela participa de sua revelação. Era precipitado dizer que a sensação encarna (DELEUZE E GUATTARI, 2005, p. 231); num segundo momento essa carne desabrocha na casa (DELEUZE E GUATTARI, 2005, p. 232) que torna-se dimensional pois o que a define “são as extensões, isto é, os pedaços de planos diversamente orientados que dão à carne sua armadura: primeiro-plano e plano-de-fundo, paredes horizontais, verticais, esquerda, direita, retos e oblíquos, retílineos ou curvos (DELEUZE E GUATTARI, 2005, p. 232). e completam: “a casa participa de todo um devir. Ela é vida, vida não orgânica das coisas” (DELEUZE E GUATTARI, 2005, p. 233).

O terceiro elemento é justamente quando a casa se abre ao universo, ao cosmos em uma linha de fuga que torna possível a passagem do finito ao infinito, mas também do território a desterritorialização (DELEUZE E GUATTARI, 2005, p. 233). Temos, então, o ritornelo como C cúbico: Carne/Casa/Cosmos. Ou ainda como Ponto Direcional/Ponto Dimensional/Abertura para Forças Cósmicas. Ou ainda como Territorialização (Carne e Casa, ponto direcional e dimensional), Desterritorialização (linha de fuga, passagem do finito para o infinito, abertura da casa para o cosmos, abertura do círculo dimensional para o futuro ou outra terra, risco de uma improvisação como ação de ir ao encontro do mundo ou fundir-se com ele), Reterritorialização (efetuação da improvisação em um território recriado). Mas jamais podemos pensar o ritornelo como linha de

simples causa-efeito de um ponto direcional para uma abertura em fuga. Esses pontos, campos e ações são sempre co-criados na mesma imanência.

Não são três momentos sucessivos numa evolução. São três aspectos numa só e mesma coisa: o Ritornelo" [...]. O ritornelo tem os três aspectos, e os torna simultâneos ou os mistura: ora, ora, ora. Ora o caos é um imenso buraco negro, e nos esforçamos para fixar nele um ponto frágil como centro. Ora organizamos em torno do ponto uma "pose" (mais que uma forma) calma e estável: o buraco negro tornou-se um em-casa. Ora enxergamos uma escapada nessa pose, para fora do buraco negro. [...] Ora se organiza o agenciamento: componentes dimensionais, intra-agenciamentos. Ora se sai do agenciamento territorial em direção a outros agenciamentos, ou ainda a outro lugar: inter-agenciamentos, componentes de passagem ou até de fuga. E os três juntos. Forças do caos, forças terrestres, forças cósmicas: tudo isso se afronta e concorre no ritornelo (DELEUZE E GUATTARI, 1997, p. 118).

Mesmo com toda a atenção dispendida ao estudo desse conceito por meio de seus criadores Deleuze e Guattari, ou de comentadores como José Gil, foi Martín, meu pequeno filho, hoje com 2 anos, que imprimiu gotas de inteligibilidade a esse campo emaranhado e complexo.

Martín não realizava suas pequenas ações físicas de toques fortes ou suaves porque estava sonolento, mas é justamente o oposto: por meio dessas pequenas ações é que ele buscava construir o território-sono-Martín. Suas ações não eram resultantes ou causadas pelo sono, mas o resultavam ou o causavam, ou melhor: reinventavam, a cada noite, seu próprio território-sono. Essas pequenas ações – como placas – eram pontos direcionais que buscavam, aos poucos, delimitar bordas para que um plano dimensional sono pudesse apartar-se da vigília caótica e assentar-se. Mas ao dimensionar-se o ato de acordar já se instaurava também. Ao dormirmos já instauramos a potência do acordar, ou seja, ao construirmos o território sono já construimos também a linha de fuga da próxima vigília: o caos da vigília mantém sua espreita no território sono.

Martín constrói assim seu ritornelo: suas pequenas ações, como matérias de expressão ou placas, delimitam aos poucos seu território-sono que se assenta já na potência de seu próprio desterritório, o ato de acordar. Ponto direcional-Martín: pequenas ações. Ponto dimensional-Martín: território-sono. Ação de desterritório-Martín: ato de acordar. Esses são os três planos co-criados no ato de dormir de Martín.

Entretanto, para nós atores, o que esse conceito de ritornelo nos força a pensar? Há ao menos dois deslocamentos potentes:

01) Não é o território que determina as matérias de expressão mas ao contrário, são as matérias de expressão que formam o território. Em outras palavras: são as experiências de linguagem poéticas que formam a própria linguagem poética, e não os campos determinados de uma ou outra linguagem que determinam as experiências possíveis dentro de seu território. Esse deslocamento abre para experiências de criação de formas expressivas, geração de linguagem poética ao invés de recriação ou pior, replicação, dentro de campos determinados.

02) Outro deslocamento diretamente vinculado ao anterior: todos os territórios possuem em sua formação sua potência de desterritório. Não há territórios fixos e imutáveis. Dessa forma, qualquer linguagem poética, ou mesmo técnicas, treinamentos, construções cênicas, ou mesmos ações físicas codificadas possuem dentro de sua própria formação a desterritorialização, a abertura para o cosmos.

Territórios poéticos, seja eles, de linguagem, espetaculares ou mesmo matérias de expressão singularizadas como matrizes ou ações físicas codificadas são transitórias e temporárias pois são formadas por experiências de matérias de expressão, cartazes e placas de ações que já em sua formação, em seu DNA constitutivo, possuem a ação de desterritório, sejam ações de desterritorialização macroscópicas ou macro-formais, ou mesmo ações de desterritório que passam pelos campos das forças e sutilezas micro perceptivas. Não importa! A questão é que a presença do ator deveria deslocar-se do simples repetir a ação “de forma plena” para abrir a ação para uma improvisação macro ou micro que abra as fissuras do desterritório e rache o extrato territorial para sua re-potencialização. Em outras palavras: a ação não deveria estar assentada apenas no território mas no complexo co-criativo território-desterritório-reterritório, ou seja, a arte cênica presencial deveria colocar-se no próprio ritornelo e não somente na afirmação de qualquer território, seja ele qual for.

Essas questões levam a outras problematizações. Primeiramente a presença do ator. Estar presente no ritornelo não é buscar assentar-se no território formado presente já que esse é transitório e temporário. A presença do ator deveria ser exploratória. Cultivar esse território presente, mas atuando no passado enquanto pesquisa das formas de expressão possíveis para geração de outro território e improvisar saídas futuras possíveis para a abertura do território ao caos criativo e sua reterritorialização. Curiosamente o estar presente em ritornelo é estar no passado – experimentando placas e cartazes enquanto matérias de expressão – e ao mesmo tempo no futuro – numa ética de improvisação buscando fissuras e linhas de fuga do próprio território. A presença na atuação jamais afirma o presente territorializado. Claro que presente, passado e futuro aqui não podem ser pensados numa linha cronológica, mas em termos de duração em que os tempos convivem num mesmo plano, o tempo aiônico, o tempo acontecimento. Essa presença, em última instância, afirma uma ética da improvisação pela busca de fissuras e redimensionamentos territoriais e



abre o campo problemático de uma dramaturgia do acontecimento poético presencial em fluxo, temporário, flutuante.

Obrigado Martín!

Referências

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia, vol. 4. São Paulo: Editora 34, 1997.

_____. **O que é Filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2005.